

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2010/2011

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

OCUPAÇÃO CAMPANIFORME DE LEIÃO (OEIRAS)*

João Luís Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

No decurso da escavação do estabelecimento romano de Leião (CARDOSO *et al.*, 2010; CARDOSO, 2011), cujas coordenadas geográficas são: 38° 43' 45'' Lat N; 9° 18' 00'' Long. W de Greenwich (Fig. 1), observou-se a ocorrência, em área circunscrita, correspondente ao limite setentrional do espaço ocupado pelas estruturas romanas,

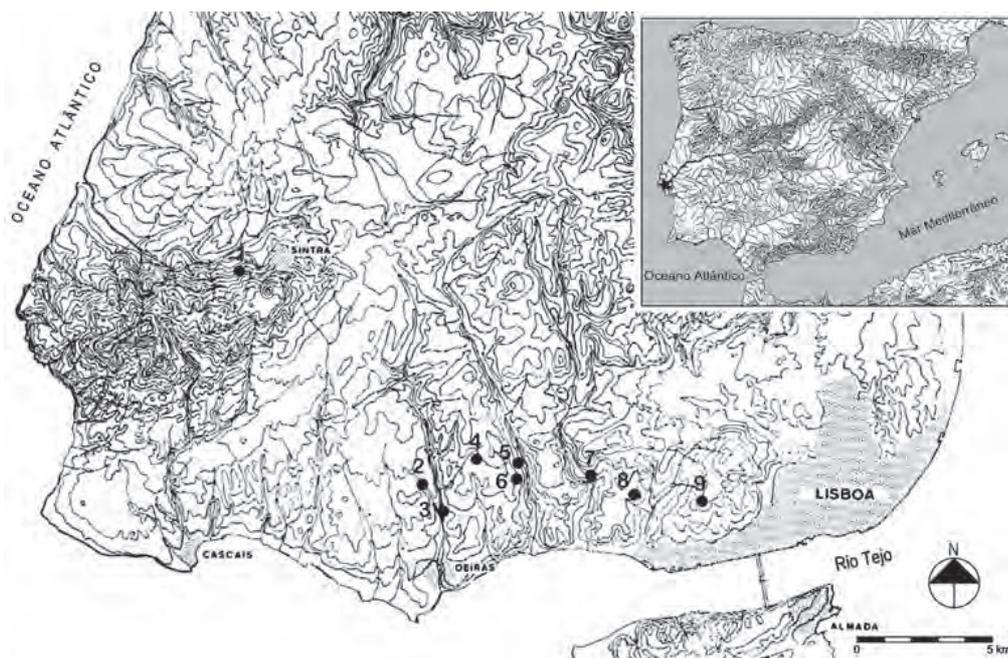


Fig. 1 – Localização dos sítios campaniformes ou com ocupação campaniforme de carácter habitacional e funerário da foz do Tejo e zonas limítrofes mencionados no texto: 1 – Povoado fortificado de altura da Penha Verde (Sintra); 2 – Povoado de encosta de Freiria (Cascais); 3 – Gruta funerária da Ponte da Laje (Oeiras); 4 – Casal agrícola de Leião (Oeiras); 5 – Povoado fortificado de altura de Leceia (Oeiras); 6 – Casal agrícola de Monte do Castelo (Oeiras); 7 – Povoado de encosta de Carnaxide; 8 – Casal de Barrinhos (Oeiras); 9 – Povoado de altura de Montes Claros (Lisboa).

* Desenhos de materiais arqueológicos de Filipe Martins; planta executada por B. Ferreira, sob supervisão de J. L. Cardoso; fotos de terreno de J. L. Cardoso e de materiais arqueológicos de Carlos Santos (GC/CMO).

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

daquele lado muito incompletas e derruídas, de concentração de materiais cerâmicos campaniformes, cujas características (quantidade, heterogeneidade e diversidade), a par das condições de jazida, não deixava dúvidas sobre a sua relação com uma unidade habitacional daquela época, de que constituíam os únicos testemunhos. A evidente coerência do conjunto e a ausência de rolamento dos materiais reforçavam aquela conclusão, contrariando a hipótese de provirem de outro local, ou de corresponderem a misturas de espólios de diversas épocas. Encontrava-se deste modo justificado o seu estudo, por ilustrar, conjuntamente com outras ocorrências com as mesmas características conhecidas na região da mesma época, a estratégia de ocupação do território e de exploração dos respectivos recursos na segunda metade do 3.º milénio a.C..

2 - CONDIÇÕES DE JAZIDA

A estrutura habitacional romana posta integralmente a descoberto evidenciava, por via das intensas e continuadas lavras feitas no local, correspondente a um campo agricultado desde época recuada, fortes perturbações, verificando-se a completa falta de alguns sectores das paredes do edifício, em particular do lado setentrional onde, como acima se referiu, se concentravam os materiais pré-históricos em apreço, em posição adjacente à implantação da correspondente parede estrutural (Fig. 2).

Tais materiais encontravam-se embalados na terra arável, depósito terroso castanho com cerca de 0,40 m de potência máxima, directamente assente no substrato geológico, constituído calcários duros do Cretácico (Cenomaniano), sub-aflorantes no local (Fig. 3 e Fig. 4). Não se observou, em nenhum local investigado, a sobreposição das estruturas romanas à formação pedológica que embalava os materiais pré-históricos em apreço. Ao que foi apurado, a fundação dos muros do estabelecimento romano obrigou ao atravessamento do depósito pedológico já então existente, contendo os materiais campaniformes recolhidos, de modo a assentar no substrato geológico, ou em camada argilosa amarelo-esbranquiçada utilizada pelos romanos para a regularização do mesmo.

A escavação foi efectuada respeitando quadrícula de 3 metros de lado, tendo a distribuição dos fragmentos cerâmicos sido registada de acordo com tal sistema de referência, representado na Fig. 2. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Q. C 7 – 14 ex. (todos os representados na Fig. 5);

Q. D 6 – 3 ex. (Fig. 6, n.º 1, 2 e 4);

Q.D 7 – 38 ex. (Fig. 6, n.º 3, 6 e 7; todos os representados nas Fig. 7, 8 e 9);

Q. E 5 – 2 ex. (Fig. 10, n. 1 e 2);

Q. E 6 – 2 ex. (Fig. 10, n.º 3 e n.º 5);

Q. E 7 – 1 ex. (Fig. 10, n.º 4).

Há ainda a registar uma pequena taça cujos fragmentos se dispersavam pelos Q. D 6 e Q. D 7 (Fig. 10, n.º 6).

A distribuição apresentada evidencia uma esmagadora concentração no Q.D7, com uma extensão para o Q. C 7, a ele adjacente, que bem ilustra a possibilidade de corresponder ao fundo de uma cabana campaniforme, que se desenvolveria do lado externo do muro do estabelecimento romano ulteriormente ali edificado, o que teria conduzido à sua destruição parcial, pelo respectivo seccionamento. Com efeito, na área correspondente ao interior do compartimento romano, nada se encontrou, ao nível do respectivo embasamento, prova de que os materiais ali por certo existentes foram previamente removidos, até ao substrato geológico. Por outro lado, o corte executado no limite setentrional do Q. D 7 também nada revelou, indicando que o núcleo da dispersão de materiais se



Fig. 2 – Planta do estabelecimento rural romano de Leião. A localização dos materiais campaniformes observou-se do lado externo da parede setentrional do conjunto arquitectónico.



Fig. 3 - Estabelecimento rural romano de Leião. O espólio campaniforme proveio da área correspondente ao corte do terreno, visível em último plano.



Fig. 4 - Estabelecimento rural romano de Leião. O espólio campaniforme proveio da área escavada, em primeiro plano.

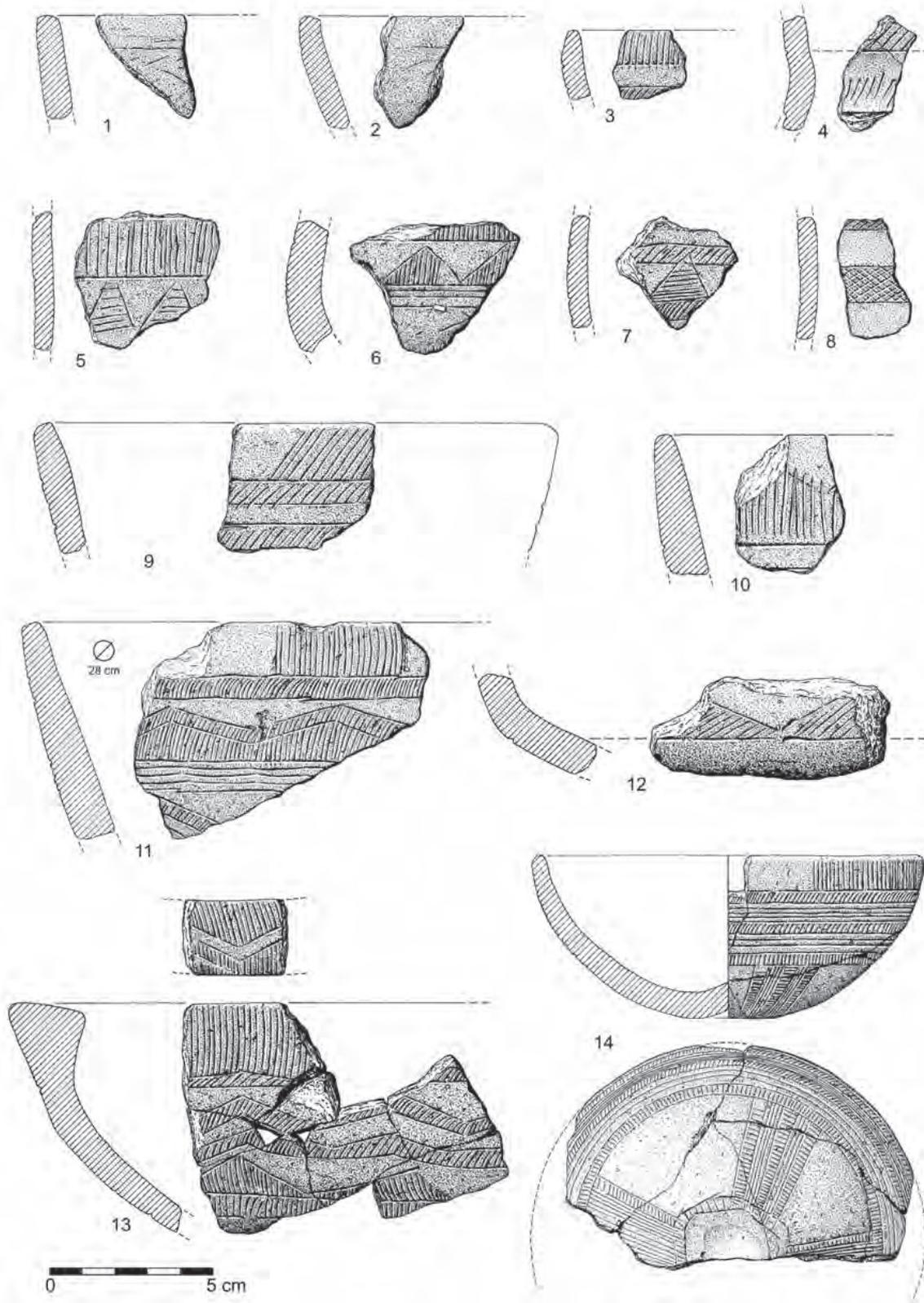


Fig. 5 - Leão. Cerâmicas lisas e decoradas.

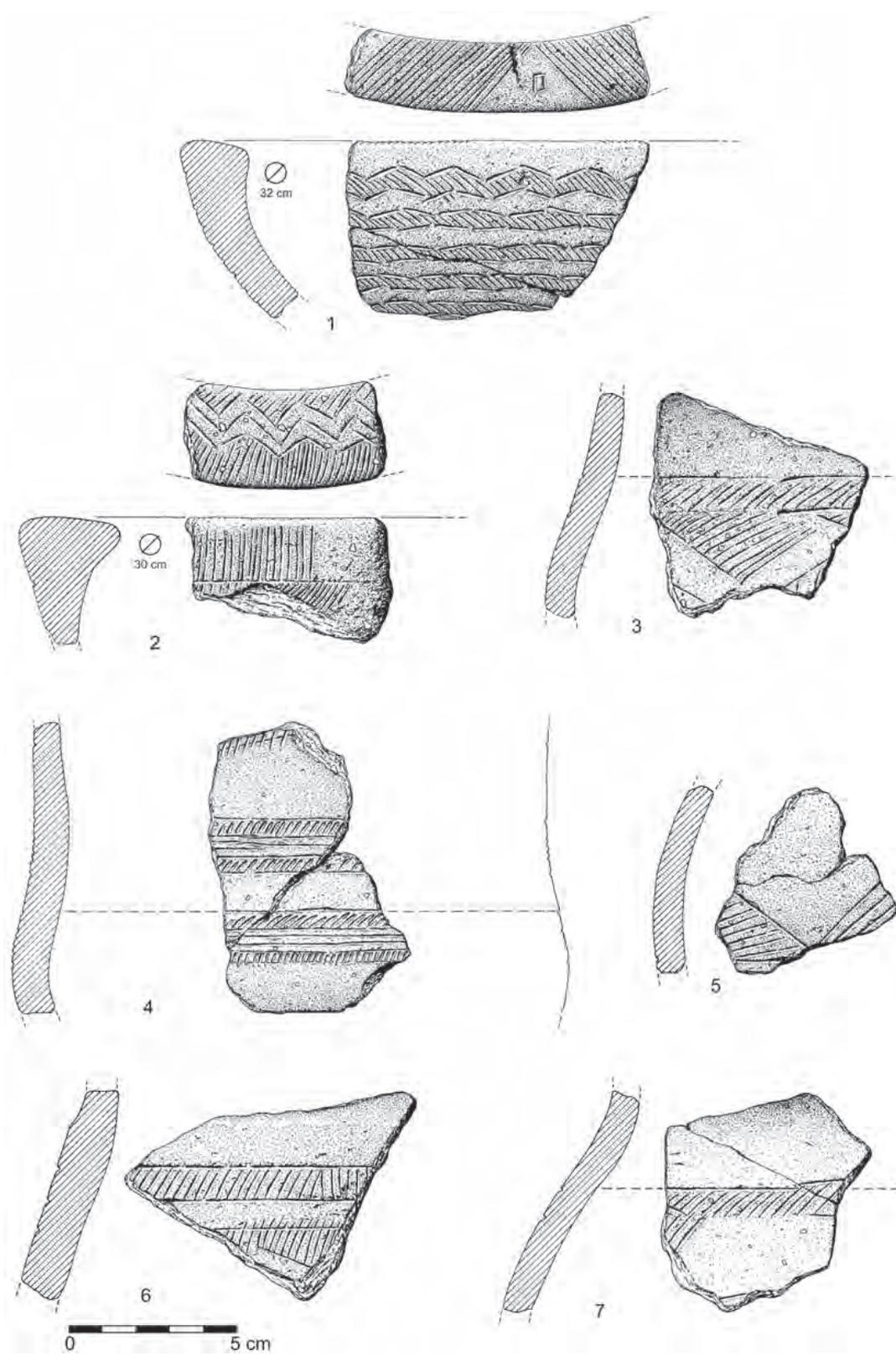


Fig. 6 - Leão. Cerâmicas decoradas.

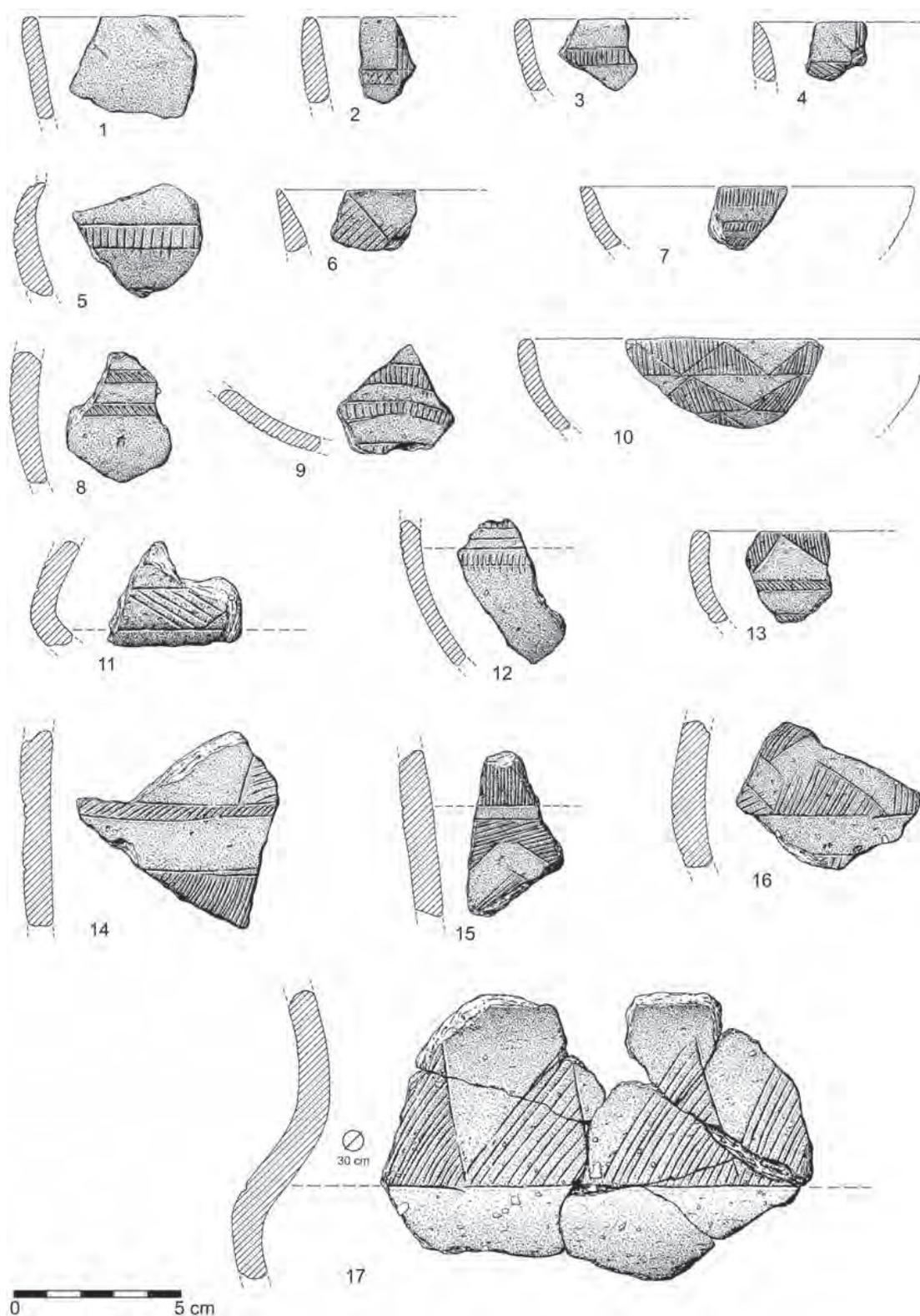


Fig. 7 - Leião. Cerâmicas lisas e decoradas.

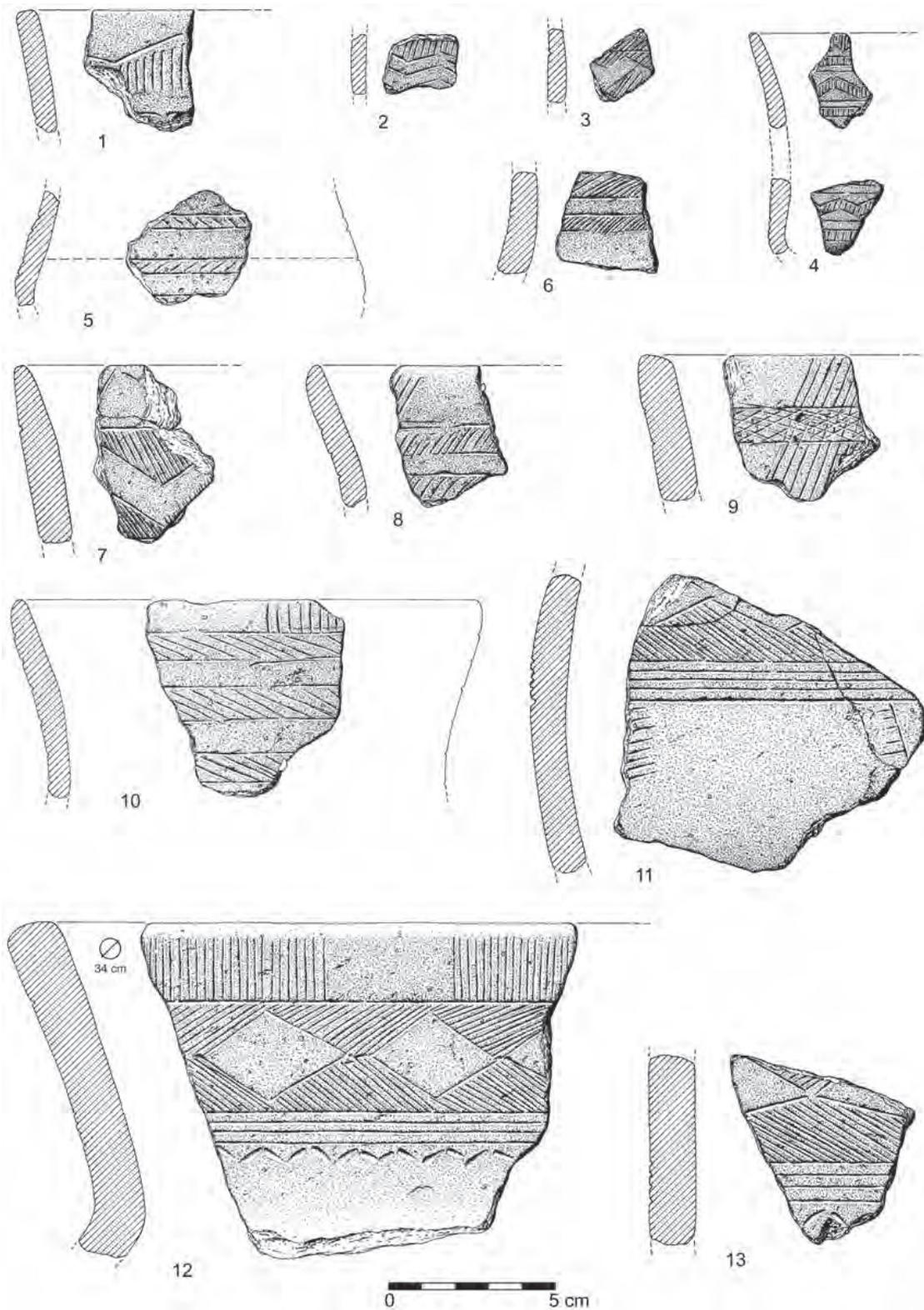


Fig. 8 - Leão. Cerâmicas decoradas.

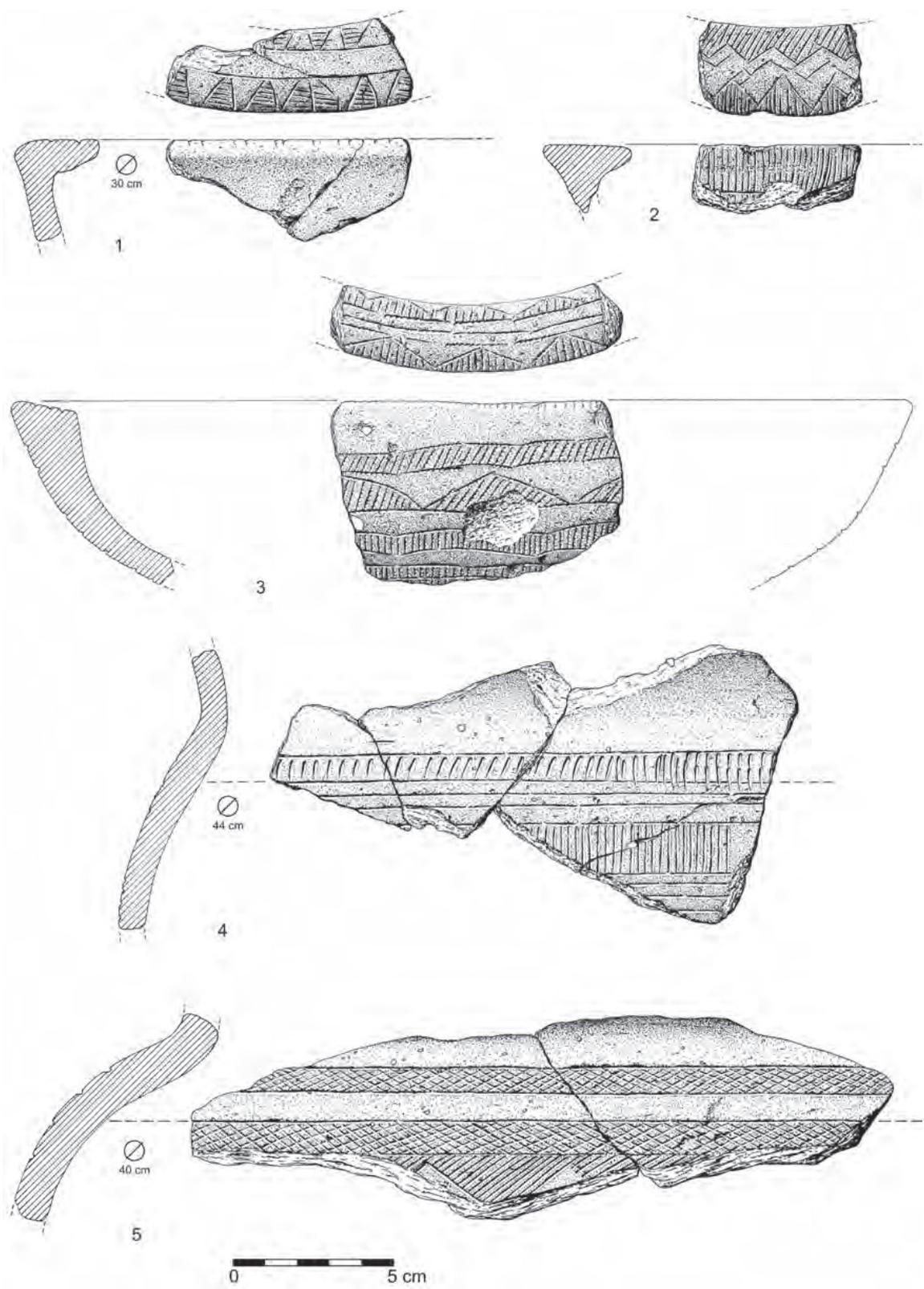


Fig. 9 - Leão. Cerâmicas decoradas.

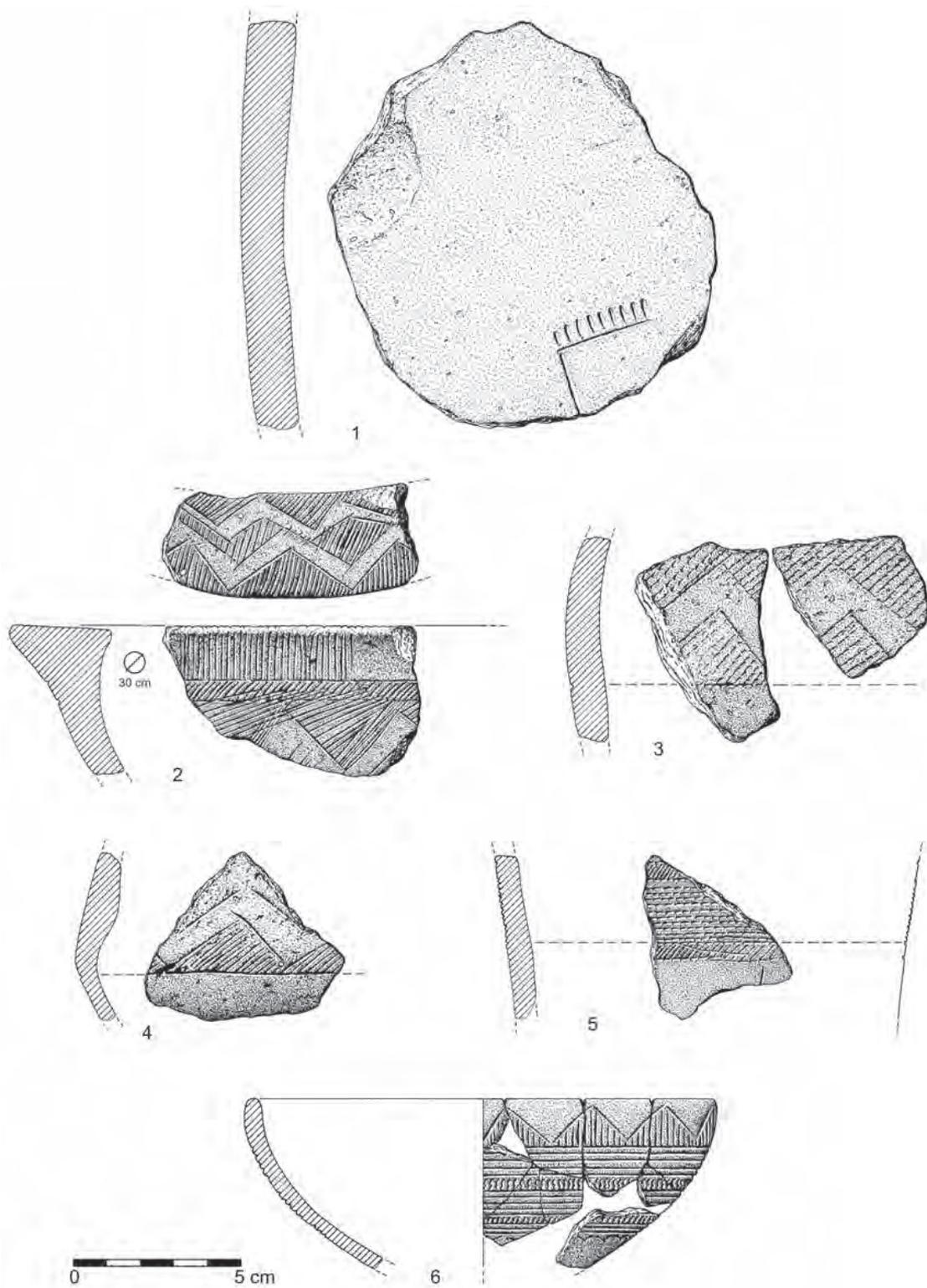


Fig. 10 - Leão. Cerâmicas decoradas.

centraria originalmente no espaço correspondente ao interior do referido compartimento. Deste modo a amostragem recuperada, é apenas uma pequena fracção da originalmente existente, relacionada com uma única unidade habitacional.

3 – ESTUDOS DOS MATERIAIS

O conjunto cerâmico pré-histórico exumado foi integralmente desenhado, exceptuando-se os fragmentos cujas dimensões, por serem tão diminutas, não permitiam a classificação tipológica.

3.1 – *Cerâmicas decoradas*

Recolheram-se 58 fragmentos decorados, susceptíveis de serem identificados quanto à forma e/ou padrões decorativos presentes, tendo-se observado a seguinte distribuição:

- pequenas taças em calote de lábio simples e decoração incisa – 11 ex. (Fig. 5, n.º 3 e 14; Fig. 7, n.º 2, 3, 4, 7, 9, 10, 12, 13; Fig. 10, n.º 6; Fig. 11, n.º 3);
- caçoilas de dimensões médias com decoração incisa (de ombro ligeiramente marcado ou de perfil suave) – 24 ex. (Fig. 5, n.º 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12; Fig. 6, n.º 3, 5 e 6; Fig. 7, n.º 5, 6, 11, 14 a 17; Fig. 8, n.º 1, 7, 9 e 11; Fig. 10, n.º 4);
- caçoilas de grandes dimensões com decoração incisa – 1 ex. (Fig. 8, n.º 12 e 13; Fig. 11, n.º 4);
- caçoilas de dimensões médias com decoração pontilhada – 1 ex. (Fig. 10, n.º 3);
- vasos campaniformes com decorações incisadas de bandas horizontais simples ou compostas preenchidas interiormente, por vezes alternantes com motivos geométricos incisados diversos – 7 ex. (Fig. 5, n.º 8; Fig. 6, n.º 7; Fig. 7, n.º 8; Fig. 8, n.º 4 a 6, 8 e 10);
- vasos campaniformes com decorações incisadas de bandas horizontais simples preenchidas interiormente, alternando com faixas de linhas horizontais a pontilhado – 1 ex. (Fig. 10, n.º 5);
- taças Palmela com decoração incisa – 6 ex. (Fig. 5, n.º 13; Fig. 6, n.º 2 e 3; Fig. 9, n.º 1 e 2; Fig. 10, n.º 2; Fig. 11, n.º 1 e 2);
- taças Palmela com decoração a pontilhado – 1 ex. (Fig. 9, n.º 3);
- vasos bojudos, de colo alto e apertado (“garrafas”) – 3 ex. (Fig. 6, n.º 7; Fig. 9, n.º 4, 5);
- formas inclassificáveis correspondentes a pequenos recipientes com decoração incisa – 2 ex. (Fig. 8, n.º 2 e 3);
- forma inclassificável, correspondente a grande recipiente com decoração incisa, correspondente provavelmente a cervídeo – 1 ex. (Fig. 10, n.º 1).

3.2 – *Cerâmicas lisas*

O número de fragmentos de recipientes lisos identificáveis ascende a 49 exemplares com bordo que se representam nas Fig. 5, n.º 1 e 2; Fig. 7, n.º 1 e Figs. 12 a 14, integrando-se em cinco formas principais (Fig. 15). A mais abundante é a da taça em calote de esfera, de bordo simples convexo ou aplanado, com 16 exemplares. Trata-se de forma com larga diacronia, desde o Neolítico à Idade do Bronze; na época campaniforme,



Fig. 11 – Núcleo campaniforme de Leião. Cerâmicas decoradas.

alguns exemplares são decorados, tanto a pontilhado – limitando-se neste caso a ornamentação a uma simples banda sob o bordo – como recorrendo à técnica incisa, mais profusa, como atestam os exemplares recolhidos em Leião.

A segunda forma lisa mais abundante, representada por 16 exemplares, é o vaso esférico. Tal como a anterior, corresponde-lhe larga diacronia; trata-se de recipiente com fins múltiplos, desde a confecção ao armazenamento de alimentos.

As formas restantes são recipientes abertos, reportando-se a primeira (Forma 3) à terceira forma mais frequente, com 13 exemplares. Trata-se de recipiente de forma ligeiramente acampanada, assemelhando-se ao perfil suave das grandes caçoilas ditas “de armazenamento”. As outras duas formas são residuais. A Forma 4 diferencia-se da anterior por exibir um bordo ligeiramente em aba, reminiscência das produções do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial, e ainda por não possuir a inflexão no bojo, que caracteriza a Forma 3, estando apenas repre-

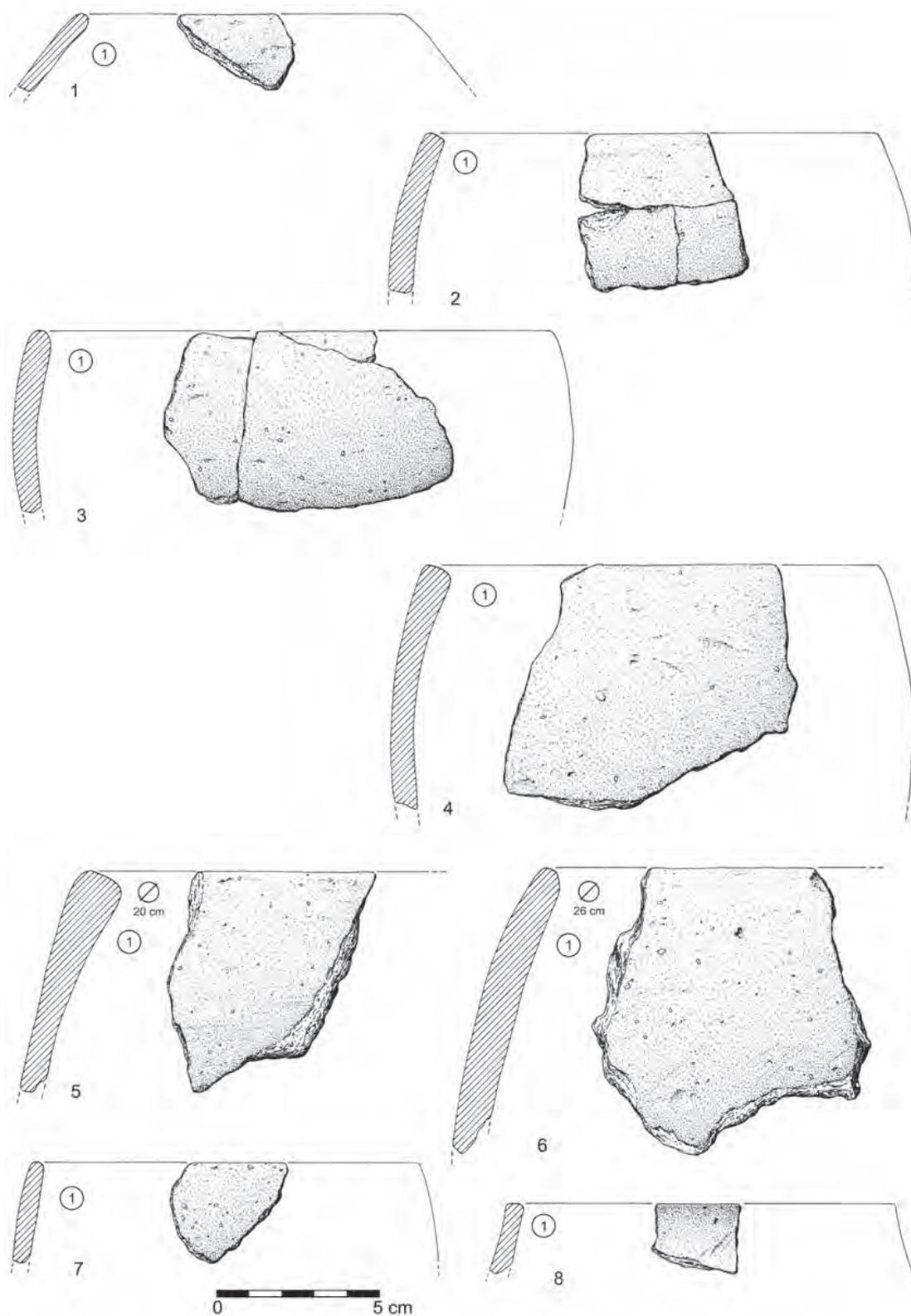


Fig. 12 – Leião. Cerâmicas lisas. O número inscrito em circunferência corresponde à forma do recipiente, de entre as cinco identificadas.

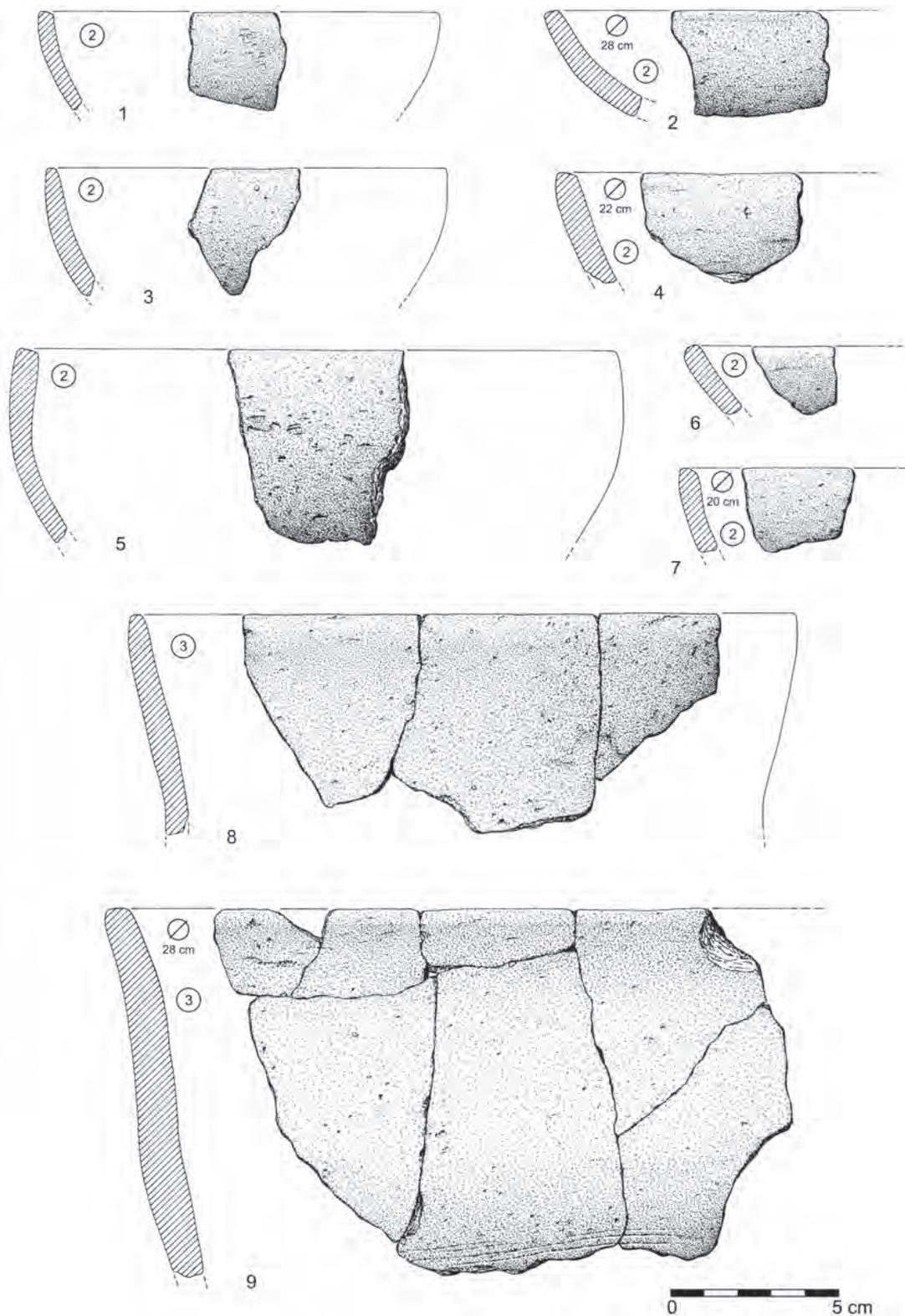


Fig. 13 – Leão. Cerâmicas lisas. O número inscrito em circunferência corresponde à forma do recipiente, de entre as cinco identificadas.

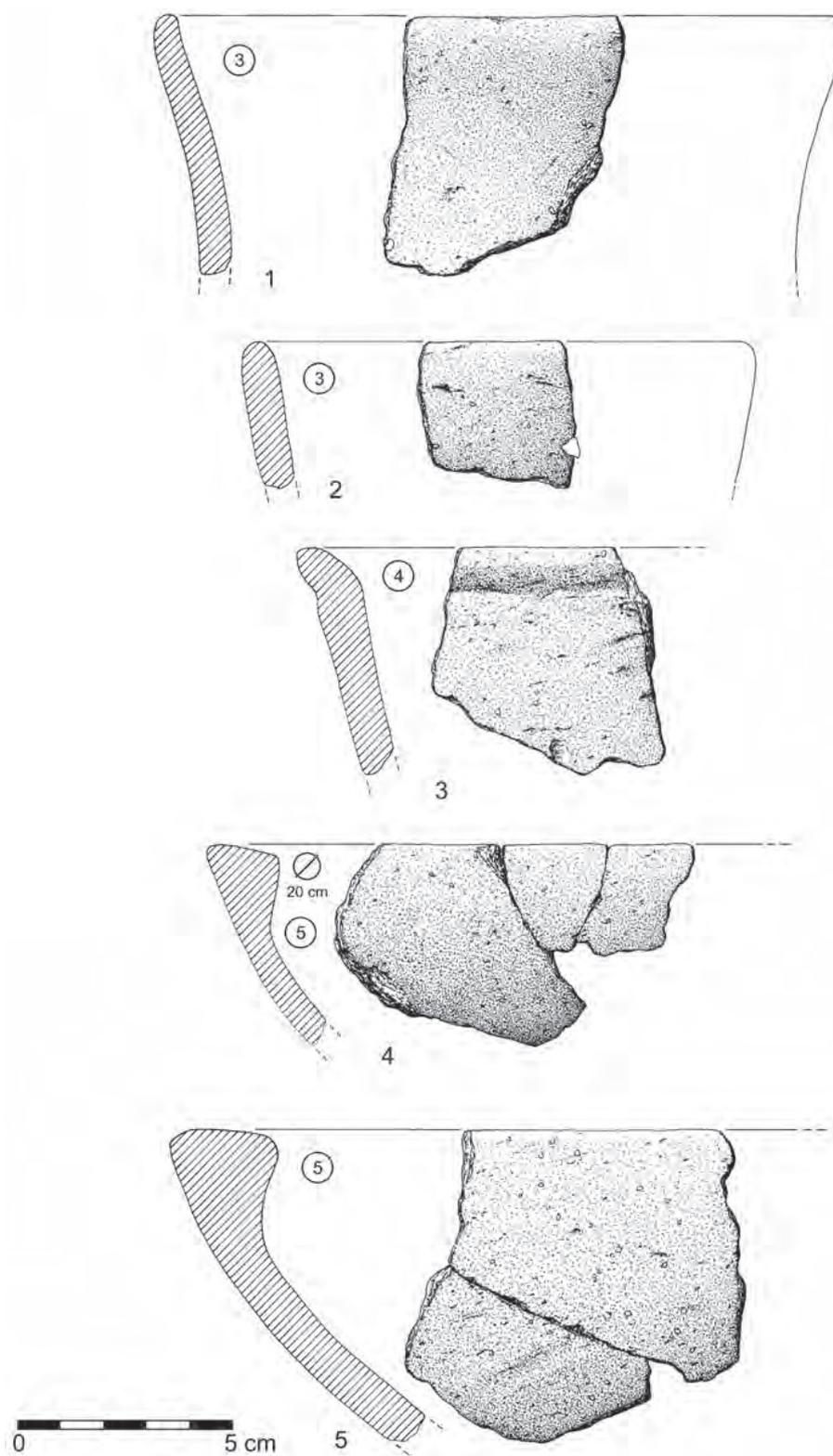


Fig. 14 – Leão. Cerâmicas lisas. O número inscrito em circunferência corresponde à forma do recipiente, de entre as cinco identificadas.

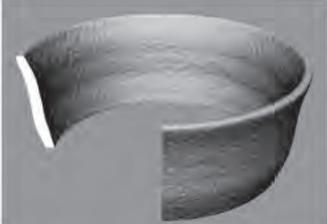
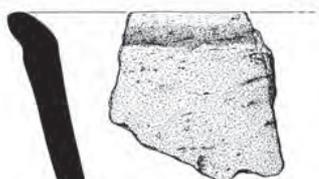
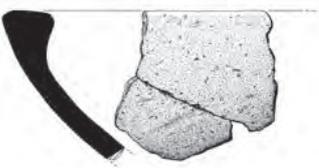
Formas			Exemplares por quadrícula						
			C5	C7	D6	D7	E6	E7	E8
1			1		4	9		2	
2				1	3	12			
3					1	11	1		
4						1			
5						2			1

Fig. 15 - Núcleo campaniforme de Leião. Quadro sinóptico das formas campaniformes lisas e sua distribuição pela área escavada.

sentada por um exemplar. Enfim, a Forma 5 corresponde à taça Palmela lisa, com o bordo muito desenvolvido e aplanado, que se apresenta profusamente decorado em alguns exemplares recolhidos em Leião, adiante referidos.

Em conclusão, o conjunto de cerâmicas lisas que acompanhava as produções decoradas, constituído por cinco formas distintas, é caracterizado por assinalável monotonia, já que dos 49 exemplares que o constituem, 32 correspondem a duas formas abundantes em contextos calcolíticos mais antigos. Apenas duas outras formas evocam

as produções campaniformes decoradas – as caçoilas (13 ex.), e as taças Palmela (3 ex.) – sendo a restante, com antecedentes mais antigos, meramente vestigial (1 ex.).

Apesar de aparentemente pobre, o conjunto agora publicado é particularmente interessante por caracterizar, pela primeira vez na região estremenha, onde a presença campaniforme assume a sua máxima importância no contexto do território português, a tipologia das produções lisas que acompanhavam as decoradas. Deste modo, pode concluir-se que, neste pequeno núcleo campaniforme, as produções lisas mantiveram uma forte tradição anterior, sendo maioritariamente utilizados os mesmos tipos de recipientes, aliás de assinalável monotonia formal.

4 - DISCUSSÃO

No conjunto, das 60 figuras apresentadas de fragmentos campaniformes decorados – correspondentes aparentemente a outros tantos recipientes – apenas 3 exibem decoração a pontilhado: trata-se de uma taça Palmela (Fig. 9, n.º 3), de uma caçoila de perfil suave (Fig. 10, n.º 3), e de um vaso campaniforme (Fig. 10, n.º 5), observando-se, no último, uma rara associação entre esta técnica e a incisa, aplicada nas estreitas bandas horizontais preenchidas interiormente por segmentos oblíquos orientados todos para o mesmo lado.

Tais características tecnológicas da decoração indicam época tardia para o conjunto em apreço, claramente inscrito no Grupo Inciso, o terceiro e último da periodização proposta para as produções campaniformes na Estremadura portuguesa (SOARES & SILVA, 1974/1977).

Do ponto de vista tipológico, e de acordo com aquela proposta, a modernidade do conjunto no quadro das cerâmicas campaniformes da Baixa Estremadura seria confirmada pela escassa presença de vasos campaniformes, característicos do grupo mais antigo, o “Grupo Internacional” – apenas 7 em 60 recipientes – em geral de dimensões pequenas e médias, parcialmente substituídos por taças em calote, agora profusamente decoradas, que serviriam à mesma finalidade (recipientes para beber). Em contrapartida, as grandes caçoilas destinadas a servir de contentores (“vasos de provisões”) estão presentes, tal como é usual em conjuntos campaniformes tardios, associadas a vasos globulares, de colo apertado (“garrafas”), e a grandes taças Palmela, com lábios muito desenvolvidos, decorados por motivos geométricos incisos de evidente barroquismo. Se as produções mais antigas da taça Palmela, cuja característica mais marcante é a existência de um lábio aplanado, horizontal ou inclinado para o interior, correspondente ao espessamento do bordo, e decorada segundo a técnica a pontilhado, tal como ocorrem em contextos integrados no “Grupo de Palmela”, agora vestigiais (Fig. 9, n. 3), nas eventuais derradeiras produções, observa-se não só um aumento de tamanho, mas também um acréscimo da área do lábio, recorrendo por vezes a uma aba que se desenvolve horizontalmente tanto para o interior do recipiente (Fig. 9. n. 1), como para o exterior do mesmo (Fig. 10, n.º 2; Fig. 11, n.º 1), permitindo o desenvolvimento de mais profusas decorações.

A associação entre as técnicas pontilhada e incisa, num mesmo exemplar, é conhecida na bibliografia: no conjunto campaniforme do povoado de Chibanês (Palmela), foram assinalados dois exemplares nessas condições, embora as representações gráficas dos mesmos não confirmem aquela observação (CARREIRA, 1998, p. 151). No povoado do Alto do Montijo (Sintra), foi identificado também um fragmento de taça Palmela com decoração a pontilhado, no bojo, contrastando com a obtida pela técnica incisa, no lábio (CARDOSO & CARREIRA, 1996, Fig. 4, n.º 5). Enfim, em Leceia, na Cabana EN, entre os materiais decorados, exclusivamente campaniformes, ocorre um fragmento de garrafa cujo colo se encontra sublinhado por faixa constituída por 5 linhas incisivas, sobrepostas por um padrão constituído por linhas verticais obtidas por pontilhado (CARDOSO, 1997/1998, Fig. 50, n.º 6). Tais aspectos denunciam a continuidade que, apesar da esmagadora presença da técnica incisa, se verifica relativamente à sua antecessora.

A presença, no Castro de Chibanes, de cerâmica campaniforme com decoração linear pontilhada associada a incisa encontra-se igualmente documentada.

Este grupo estilístico, que C. Tavares da Silva designa por Grupo de Palmela Evolucionado, encontra-se representado naquele povoado exclusivamente no nível de derrubes (C. 6B do *Locus* L12) da Muralha IV, marcando o final da ocupação do III milénio a.C.. Aquela camada é constituída por sedimento siltoso (o mesmo que ligava os blocos da referida muralha) que embalava numerosos blocos de calcarenito de grandes e médias dimensões, pontualmente intercalados por lenticulas de conchas de moluscos, principalmente da espécie *Venerupis decussata*. Tais lenticulas continham abundante cerâmica campaniforme com decoração linear pontilhada associada (por vezes no mesmo exemplar) à técnica incisa. Uma análise radiocarbónica efectuada a partir de amostra de conchas daquela espécie ofereceu a seguinte data:

Beta – 164906: 4200+/-80 BP,

a que corresponde o intervalo calibrado, depois de corrigido o efeito de reservatório oceânico, de 2338-2090 cal BC para 1 sigma, e de 2444-1980 cal BC, para 2 sigma (informação gentilmente prestada pelo Doutor A. M. Monge Soares).

De notar que o grupo estilístico de Palmela com decoração exclusivamente linear pontilhada se encontra perfeitamente isolado em Chibanes, integrando contexto com numerosos vestígios da metalurgia do cobre (C. 2 A do *Locus* I15), cuja posição estratigráfica lhe confere maior antiguidade que a da C. 6B do *Locus* L12.

Importa ainda assinalar a coexistência, num mesmo exemplar, da técnica incisa e da técnica impressa. Tal é a realidade observada em dois fragmentos de grandes caçoilas (Fig. 8, n.º 12 e 13; Fig. 11, n.º 4): em ambos, se a larga maioria do campo decorado foi executada por incisão, verifica-se uma linha delimitando inferiormente aquele, obtida por impressões de uma extremidade romba de contorno elipsoidal, análoga às impressões do grupo da “folha de acácia”, característico do Calcolítico Pleno da Estremadura. Esta evidência mostra que, da mesma forma que a técnica pontilhada não pode ser adstrita a um grupo específico de produções campaniformes, dadas as continuidades agora observadas, ainda que residuais, também a técnica de folículos impressos, pode ocorrer esporadicamente em certas produções campaniformes tradicionalmente consideradas como tardias, revelando a mescla de influências com as produções não-campaniformes, de carácter regional. Na estação próxima do Monte do Castelo cujos materiais evidenciam fortes analogias com os de Leão (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996), identificou-se situação análoga, no caso relacionada com a decoração de uma grande taça Palmela (*op. cit.*, Fig. 8, n. 1), para além de outras estações da área do estuário do Tejo.

Exemplo de continuidade nestas putativas derradeiras produções campaniformes, é também a presença de sete vasos campaniformes – incluindo o já atrás mencionado – que, mantendo a forma original, evidenciam modificações no clássico padrão decorativo de bandas horizontais preenchidas interiormente. Agora, tais bandas são produzidas pela técnica incisa, e os segmentos interiores oblíquos que as preenchem orientam-se quase sempre para o mesmo lado (exceptuando o exemplar da Fig. 8, n.º 5) enquanto que, nas produções consideradas mais antigas, se orientavam, alternadamente, para lados opostos. É interessante verificar que esta realidade está também presente noutros contextos campaniformes admitidos como tardios da região, como nas estações a Norte de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996).

Outra inovação a registar nas decorações corresponde à associação das referidas bandas a outras decorações geométricas, que com aquelas alternam, ocupando a totalidade da superfície do recipiente como é o caso do pequeno exemplar da Fig. 8, n.º 4.

Há decorações que podem, enfim, remeter para uma conotação simbólica. É o caso da representada na Fig. 10, n.º 1, a qual, ainda que esteja muito incompleta, se poderá associar a cervídeo, do tipo dos representados numa

taça em calote campaniforme de Las Carolinas (Madrid), a qual, na face interna apresenta um friso de cervídeos, alguns deles encimados por círculos solares radiados (OBERMAIER, 1917, Fig. 10, 11). Aceitando esta hipótese, importa sublinhar que existem diferenças entre aquelas representações e as usualmente presentes em recipientes campaniformes da mesma época do território português, inventariados a propósito da taça Palmela recolhida na *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, p. 168). Mais plausível é a correspondência às armações de veados patentes em fragmento onde aquelas representações se afiguram, contudo, muito incompletas (Fig. 8, n.º 11), mas semelhantes a exemplar recolhido no povoado aberto de Freiria, Cascais, ainda inédito (escavações de G. Cardoso e de J. d' Encarnação).

De registar a existência de certos motivos peculiares, como a existência de um pequeno quadrado inscrito no espaço vazio de um bordo Palmela (Fig. 6, n.º 1 e Fig. 11, n.º 2), com paralelos no bojo de um grande vaso de armazenamento recolhido na Gruta 1 de S. Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, Paço & RIBEIRO, 1964, Est. 1, n.º 15). Saliente-se, a propósito, que, na vizinha estação do Casal de Barrinhos, Oeiras, se recolheram também dois fragmentos de grandes caçoilas (parte superior do colo e bojo), com quadrados ocupando o centro de losangos vazios, preenchidos obliquamente (CARREIRA, CARDOSO & LOPES, 1996, Fig. 8, n.º 1 e 2).

5 - CRONOLOGIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

O conjunto campaniforme recolhido em Leião, aquando da escavação integral do edifício do estabelecimento romano tardo-republicano e alto-imperial ali edificado afigura-se, do ponto de vista tipológico muito homogêneo, situação que é reforçada pela respectiva distribuição espacial: com efeito, dos 60 recipientes identificados, 52 provêm de dois quadrados contíguos, correspondentes a uma área inferior a 18 m², o que é esclarecedor quanto à existência, ali, de um fundo de cabana campaniforme, idêntico aos reconhecidos em Leceia e, tal como neste caso, caracterizados pela profusão e concentração de produções cerâmicas decoradas, em área restrita: trata-se das Cabanas EN e FM, edificadas na área extramuros (CARDOSO, 1997/1998). E, embora desta estrutura habitacional já nada reste, é possível que alguns dos grandes blocos calcários postos a descoberto do lado externo do recinto romano possam corresponder ao respectivo embasamento, à semelhança do verificado nas duas cabanas referidas, de planta elipsoidal.

A abundância de fragmentos decorados, que caracterizam invariavelmente estas estruturas domésticas, como é o caso das duas cabanas de Leceia e da que teria existido no Monte do Castelo, contradiz, de forma definitiva, o pressuposto, ainda defendido por alguns, do carácter especial, simbólico ou de prestígio, detido por tais produções. A evidência mostra precisamente o contrário, correspondendo tais produções a um uso estritamente funcional e de carácter doméstico.

A estação campaniforme de Leião inscreve-se, pois, no conjunto das numerosas estações consideradas tardias, no quadro das produções campaniformes da Baixa Estremadura, caracterizadas pelo predomínio das decorações incisivas e rarefacção dos vasos campaniformes característicos dos conjuntos considerados mais antigos. A cronologia destas produções pode situar-se ao longo da 2.^a metade do III milénio a.C., especialmente centrado na transição do 3.^o para o 4.^o quartel do mesmo, conforme indicam as datas, até ao presente inéditas, obtidas para a Cabana EN de Leceia e para a ocupação campaniforme de Freiria, cujas produções, globalmente, se integram também no Grupo Inciso:

Leceia Cabana EN

Beta-260295 – 3840 ± 40 BP, cuja calibração a 2 sigma conduziu ao intervalo de 2460-2190 cal BC;

Beta-260296 – 3980 ± 40 BP, cuja calibração a 2 sigma conduziu ao intervalo de 2580-2450 cal BC.

Monte do Castelo

Aquando da recolha, em área limitada, do conjunto de produções cerâmicas campaniformes a que acima se fez referência, coligiram-se também alguns restos ósseos e malacológicos cuja identificação e inventariação já foi apresentada (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996). Entre estes, contava-se dente de boi doméstico submetido a datação; o resultado foi o seguinte:

Beta-296579 – 4030 ± 40 BP, cuja calibração a 2 *sigma*, conduziu ao intervalo de 2630-2470 cal BC.

Freiria

Deste povoado campaniforme, ocupando uma zona de encosta de declive suave, obtiveram-se duas datações sobre ossos de animais domésticos. Ambas as amostras provêm da zona sul da área escavada e forneceram o seguinte resultado:

Beta-260301 – 3770 ± 40 BP, cuja calibração a 2 *sigma*, conduziu ao intervalo de 2300-2120 cal BC.

Beta-296577 – 3630 ± 40 BP, cuja calibração a 2 *sigma*, conduziu aos seguintes intervalos: 2130-2080 cal BC; 2060-1890 cal BC.

Considerando os intervalos das duas datações obtidas, é lícito admitir para a ocupação de carácter habitacional ali verificada uma cronologia situada no último quartel do 3.º milénio a.C., prolongando-se pelos inícios do milénio seguinte.

Gruta da Ponte da Laje

O contexto funerário de época campaniforme da gruta da Ponte da Laje, situada no vizinho vale da ribeira da Laje (Oeiras), dominado igualmente pelas produções campaniformes incisadas, foi recentemente datado através da seguinte análise (obtida através do projecto “The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco, co-dirigido por J. F. Gibaja e A. F. Carvalho (projecto PTDC/HAH/64548/2006):

WK-25164 – 3846 ± 30 BP, cuja calibração a 2 *sigma* conduziu ao intervalo de 2460-2200 cal BC.

Assim, face aos resultados apresentados, pode concluir-se que as produções de cerâmicas campaniformes do Grupo Inciso se desenvolveram na Baixa Estremadura e, em particular, na região ribeirinha do estuário do Tejo por largo lapso temporal, que abarca toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., com prolongamento pelo início do milénio seguinte. Deste modo, os pequenos núcleos humanos, provavelmente de raiz familiar, que se generalizaram pelos férteis terrenos da região a norte do estuário do Tejo, correspondem a período de larga diacronia, coincidindo a sua eclosão e proliferação (instantânea, à escala do registo arqueológico) com a derradeira fase da ocupação do grande povoado de Leceia, cujo dispositivo defensivo se encontrava então em fase de evidente declínio. Na maioria dos casos, tais núcleos encontram-se implantados em áreas de encosta levemente onduladas, como o Monte do Castelo e Leião, no concelho de Oeiras, ou já Freiria, no concelho de Cascais. A relação destes núcleos domésticos com férteis terrenos de cultivo – onde se praticaria uma agricultura diversificada, sobretudo a cerealicultura, sem esquecer a horticultura, ao longo das linhas de água, bem como a criação de gado (bovinos, ovino-caprinos e suínos) – encontra-se ainda mais evidenciada em outro sítio implantado de encosta suave, junto da ribeira de Algés, hoje completamente desfigurado, o Casal de Barrinhos, Oeiras (CARREIRA, CARDOSO & LOPES, 1996).

Noutros casos, elegeram-se extensos plainos, característicos de alguns dos núcleos campaniformes da região de Sintra, ou o topo de colinas destacadas na paisagem, como é o caso, na referida região, do povoado do Alto do Montijo (CARDOSO & CARREIRA, 1996) e, nas imediações de Lisboa, do importante povoado de Montes Claros, de onde provém um notável conjunto de produções campaniformes, englobáveis também no Grupo Inciso

(CARDOSO & CARREIRA, 1995). A estes sítios poder-se-ia ainda juntar o povoado de Carnaxide, implantado em extenso trecho da encosta esquerda do vale do rio Jamor. Apesar de incompletas, as informações publicadas indicam, tal como nos sítios anteriormente referidos, predominância das produções incisas (ANDRADE & GOMES, 1959; CARDOSO & CARDOSO, 1993).

As necessidades de visibilidade assumiam, desta forma, grande importância na escolha de alguns dos locais dos principais núcleos agrícolas campaniformes da região, a que se somariam necessidades defensivas, embora estas só dificilmente se evidenciem. Com efeito, embora os povoados fortificados que floresceram na Baixa Estremadura no decurso da primeira metade do terceiro milénio a.C. (Calcolítico Inicial) estivessem em fase de declínio acentuado, talvez ainda antes do início da segunda metade do referido milénio, alguns sítios foram fundados e fortificados no decurso da eclosão do fenómeno campaniforme: é o que mostra o povoado de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), no qual se evidenciou uma única fase de ocupação, caracterizada pela coexistência de cerâmicas de tradição pré-campaniforme (“decorações em “folha de acácia” e em “crucífera”) com produções campaniformes pertencentes ao Grupo Internacional caracterizado pela presença do vaso “marítimo”, acompanhado de pequenas caçoilas com decoração geométrica a pontilhado (CARDOSO & CANINAS, 2010). As datações realizadas no Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém) sobre restos ósseos recolhidos neste povoado, que serão discutidas em futuro trabalho, conduziram à conclusão de a respectiva ocupação se distribuir por toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., com prolongamento eventual pela primeira metade do milénio seguinte, para intervalo de probabilidade de 95%.

Embora fosse conhecida de há muito a coexistência, noutros povoados fortificados da Baixa Estremadura, como o da Rotura (Setúbal) e o da Penha Verde (Sintra), em estratigrafia, de produções de origem local, pré-campaniformes, com produções campaniformes, sempre dominadas pelo Grupo Internacional (Grupo Palmela e Grupo Inciso), tais presenças coincidiam, invariavelmente, com o declínio da ocupação desses sítios fortificados (CARDOSO, 2007). Deste modo, o povoado de Moita da Ladra possui importância acrescida, por vir confirmar a continuidade da fortificação de certos locais particularmente estratégicos para o domínio da circulação de bens e de pessoas, apesar de a tendência, então generalizada, ser a do desinvestimento na manutenção das fortificações anteriormente florescentes, como a de Leceia. Implantado no topo de uma chaminé basáltica, domina o estuário interior do Tejo, controlando uma das vias que atravessavam transversalmente a península de Lisboa, pondo em contacto através da travessia daquele vasto “mar interior”, os territórios do além-Tejo, com o litoral oceânico ocidental, por seu turno pontuado por diversos povoados, como o Zambujal (Torres Vedras), cuja ocupação campaniforme foi acompanhada também pela prossecução da continuação da construção de estruturas defensivas (KUNST, 1996).

Outro exemplo expressivo da existência de estruturas defensivas em povoados campaniformes de altura é o da Penha Verde, Sintra, cujas estruturas habitacionais, caracterizadas por uma associação artefactual idêntica à da Moita da Ladra, se encontravam ladeadas por uma muralha, que infelizmente não chegou a ser investigada como merecia (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, 1959). E, tal como naquele sítio fortificado, também as datações por AMS realizadas e publicadas neste mesmo volume (CARDOSO, 2010/2011), conduziram à conclusão dos diversos *loci* amostrados possuírem larga diacronia que, para 95% de probabilidade, se distribui ao longo de toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., chegando eventualmente a atingir os primórdios do milénio seguinte.

Em conclusão: os dados actualmente existentes indicam que a segunda metade do terceiro milénio a.C. foi, na Baixa Estremadura, um tempo de desinvestimento na manutenção dos povoados fortificados calcolíticos, que tinham assumido na 1.ª metade do 3.º milénio a.C. grande importância, sem prejuízo de terem continuado activos, enquanto que outros, fundados *ex-novo*, em meados do 3.º milénio a.C., igualmente de altura, como é o caso de Penha Verde e de Moita da Ladra, prosseguem até inícios do 2.º milénio a produção de cerâmicas campaniformes do Grupo Internacional, associadas a formas locais, representadas pelas produções do grupo “folha de acácia/crucífera”, do Calcolítico Pleno pré-campaniforme.

Deste modo, pode concluir-se que, aquando da eclosão do “fenómeno” campaniforme, aqueles dois sítios foram palco da miscigenação de produções cerâmicas de tradição anterior com as produções campaniformes tradicionalmente consideradas mais antigas, representadas pelo “Grupo internacional” (SILVA & SOARES, 1974/1977), onde pontifica o vaso “marítimo”.

Outra conclusão que decorre da anterior, é que as cronologias ali obtidas não se diferenciam estatisticamente das correspondentes aos conjuntos incisivos considerados mais tardios, como os de Leceia – Cabana EN, Freiria, Monte do Castelo e gruta da Ponte da Laje, a que se poderia somar o agora estudado.

Assim, pode concluir-se que, ao longo da segunda metade do 3.º milénio a.C., conviveram, na região ribeirinha da margem Norte do estuário do Tejo, diversos grupos campaniformes, que se desenvolveram em relação com a natureza dos locais respectivos. Assim, enquanto os locais fortificados são caracterizados pelas produções campaniformes do Grupo Internacional, dominadas pelo “vaso marítimo” com decoração a pontilhado de bandas horizontais preenchidas interiormente (padrão do tipo “herringbone”), nos pequenos sítios domésticos, implantados predominantemente em encostas suaves, de base familiar, e em estreita ligação com uma intensa actividade agro-pastoril, ou no topo de colinas, de povoados de maior importância, é o Grupo Inciso que se encontra presente. Esta realidade sugere uma conclusão que importa discutir mais desenvolvidamente em futuro trabalho: admitindo que culturas materiais diferentes possam corresponder a grupos sociais de características distintas, é tentador interpretar as comunidades sediadas nos locais fortificados como socialmente distintas das que povoavam, ao mesmo tempo, os vastos territórios adjacentes. Esta hipótese fora, aliás, já apresentada, quando se procurou interpretar as diferenças verificadas na panóplia de cerâmicas campaniformes recuperadas em Leceia, tanto pela comunidade que vivia no interior da fortificação, como pelos grupos estabelecidos no espaço exterior imediatamente adjacente, em duas cabanas de planta elipsoidal (CARDOSO, 1997/1998), hipótese retomada desde então em outros contributos. Que as produções campaniformes poderiam encontrar-se associadas, nas suas distintas características morfológicas e decorativas, a populações de raízes sociais distintas é o que ilustra a sua quase completa ausência de certos locais fortificados de assinalável importância, apesar de estes terem continuado ocupados até ao termo daquela presença na área estremenha, nos inícios do II milénio a.C., como é o caso do povoado do Outeiro Redondo (Sesimbra) (CARDOSO, 2010).

Seja como for, a proliferação, no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C., pelos férteis campos da Baixa Estremadura, de inúmeros pequenos estabelecimentos agro-pastoris, denunciam intensa ocupação deste fértil território, prenunciando o modelo que, ulteriormente, ali viria a ser também adoptado no final da Idade do Bronze, cerca de mil anos depois.

Nestes termos, sítios como o do Monte do Castelo e de Leão, embora de carácter familiar, só aparentemente se afiguram auto-suficientes; as estreitas afinidades que evidenciam entre si – expressivamente denunciadas pelas características das produções cerâmicas – parece configurar a sua integração em espaços económicos alargados, geridos por povoados mais importantes, situados em locais estratégicos, no concelho de Oeiras representado pelo de Leceia, activo até aos primórdios do 2.º milénio a.C., prenunciando o modelo de compartimentação do espaço e de territorialização do Bronze Final, que se verificou na mesma região cerca de um milénio mais tarde.

AGRADECIMENTOS

A Carlos Tavares da Silva pelas informações prestadas sobre a presença campaniforme no povoado pré-histórico de Chibanes (Palmela) e respectiva cronologia absoluta.

A Bernardo L. Ferreira a organização gráfica da Fig. 15.

A Filipe Santos Martins a ajuda na contagem e inventariação das cerâmicas lisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 137-146.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005. *Colóquio Internacional “Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal 3500 a 2000 a.n.e. (Cascais, 2005)*. Actas: Câmara Municipal de Cascais, p. 97-129.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18. Em publicação.
- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – O povoado calcolítico fortificado de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). *Colóquio Internacional “Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal 3500 a 2000 a.n.e. (Cascais, 2005)*. Actas: Câmara Municipal de Cascais, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1995) – O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 277-298.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J. & CARREIRA, J. R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 287-299.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) – O monumento pré-histórico de Tituária, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3/4, p. 123-213.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. & LOPES, F. P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barrinhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 301-316.
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa: edição dos autores.
- OBERMAIER, H. (1917) – *Yacimiento prehistorico de Las Carolinas (Madrid)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 16.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-112.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-60.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Segunda campanha de escavações na Penha Verde (Sintra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 401-406.